

AÇÕES DOCENTES, TECNOLOGIAS DIGITAIS E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

*Valdenir Barbosa da Cruz*¹

 <http://orcid.org/0000-0002-5367-352>

*Graziela Giacomazzo*²

 <https://orcid.org/0000-0001-7232-8492>

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa que buscou analisar quais ações docentes contribuem para a organização de currículos inovadores e adequados aos desafios da Educação Superior no século XXI. Teoricamente apresentam-se discussões acerca do conceito de inovação no ensino superior e suas relações com o currículo e a pedagogia universitária. O recorte refere-se as ações docentes vinculadas as tecnologias digitais. Metodologicamente optou-se pela abordagem qualitativa no contexto da pesquisa exploratória e descritiva. Os sujeitos foram seis professores das áreas da Saúde, Ciências Sociais Aplicadas e Engenharias e Tecnologias de uma Universidade Comunitária. Foram consultados documentos institucionais e realizadas rodas de conversa por meio da técnica grupo focal. Dito isto, é importante destacar que as tecnologias, a partir da fala desses professores, em todas as suas dimensões e possibilidades, são incorporadas por situações de necessidade, por vezes inusitadas e carecem de esforços institucionais da pedagogia universitária para avançar junto com os docentes. Em relação as ações os professores consideram a participação em grupos de estudo sobre inovação e tecnologia, o exercício da autocrítica, a compreensão dos conceitos de inovação quanto ao uso de tecnologias digitais, pensar estratégias pedagógicas orientadas pela perspectiva dos acadêmicos em relação as tecnologias digitais. Os docentes afirmaram que desenvolvem inovações com tecnologias digitais que iniciaram de forma isolada e se expandem para outras disciplinas.

Palavras-chave: Inovação pedagógica; Tecnologias; Pedagogia universitária.



¹ Mestre em Educação. Docente na Universidade do Extremo Sul Catarinense. Integra o Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação e Cultura Digital /EducDigital. E-mail: profbarbosa@unesc.net.

² Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias de Informação e Comunicação (PPGTIC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: gfg@unesc.net.

TEACHING ACTIONS, DIGITAL TECHNOLOGIES AND PEDAGOGICAL INNOVATION

Abstract: This article presents the results of a research that sought to analyze which teaching actions contribute to the organization of innovative curricula that are adequate to the challenges of Higher Education in the 21st century. Theoretically, discussions are presented about the concept of innovation in higher education and its relations with the university curriculum and pedagogy. The clipping refers to teaching actions linked to digital technologies. Methodologically, a qualitative approach was chosen in the context of exploratory and descriptive research. The subjects were six professors from the areas of Health, Applied Social Sciences and Engineering and Technologies of a Community University. Institutional documents were consulted and conversation circles were held using the focus group technique. That said, it is important to highlight that technologies, based on these professors' speeches, in all their dimensions and possibilities, are incorporated by situations of need, which are sometimes unusual and require institutional efforts from university pedagogy to advance together with professors. Regarding actions, teachers consider participation in study groups on innovation and technology, the exercise of self-criticism, understanding the concepts of innovation regarding the use of digital technologies, thinking about pedagogical strategies guided by the perspective of academics in relation to digital technologies. Professors stated that they develop innovations with digital technologies that started in isolation and expand to other disciplines.

Keywords: Pedagogical innovation; Digital technologies; University pedagogy.

ACCIONES DOCENTES, TECNOLOGÍAS DIGITALES E INNOVACIÓN PEDAGÓGICA

Resumen: Este artículo presenta los resultados de una investigación que buscó analizar qué acciones docentes contribuyen a la organización de currículos innovadores y adecuados a los desafíos de la Educación Superior en el siglo XXI. Teóricamente, se presentan discusiones sobre el concepto de innovación en la educación superior y sus relaciones con el currículo universitario y la pedagogía. El recorte hace referencia a acciones docentes vinculadas a las tecnologías digitales. Metodológicamente, se optó por un enfoque cualitativo en el contexto de una investigación exploratoria y descriptiva. Los sujetos fueron seis profesores de las áreas de Salud, Ciencias Sociales Aplicadas e Ingeniería y Tecnologías de una Universidad Comunitaria. Se consultaron documentos institucionales y se realizaron ruedas de conversación utilizando la técnica de grupos focales. Dicho esto, es importante resaltar que las tecnologías, a partir de los discursos de estos profesores, en todas sus dimensiones y posibilidades, son incorporadas por situaciones de necesidad, a veces inusuales y que requieren esfuerzos institucionales desde la pedagogía universitaria para avanzar junto a los profesores. En cuanto a las acciones, los docentes consideran la participación en grupos de estudio sobre innovación y tecnología, el ejercicio de la autocrítica, comprender los conceptos de innovación en cuanto al uso de las tecnologías digitales, pensar estrategias pedagógicas guiadas por la perspectiva de los académicos en relación a las tecnologías digitales. Los profesores manifestaron que desarrollan innovaciones con tecnologías digitales que comenzaron de forma aislada y se expanden a otras disciplinas.

Palabras clave: Innovación pedagógica; Tecnologías digitales; Pedagogía universitaria.

Introdução

Para a compreensão da inovação pedagógica, conceito que centralizou esta pesquisa e responder à questão central que buscou analisar quais ações docentes contribuem para a organização de currículos inovadores e adequados aos desafios da Educação Superior no século XXI, foi necessário revisitar com maior profundidade o que é a pedagogia universitária, quando este campo de estudo surgiu na América Espanhola e Portuguesa e mais localmente quando ela surgiu no Brasil. Esse percurso perpassou a história da Reforma de Córdoba, movimento que deu início à pedagogia e a formas de currículos universitários nas Américas Espanhola e Portuguesa, onde nem sempre os estudantes tiveram lugar de fala de acordo com as análises de renomados pesquisadores que serão tratados ao longo do texto. A Reforma de Córdoba alcançou o currículo, passou pelo campo das relações professor-aluno (hoje entendida como pedagogia universitária), e chegou até as atividades administrativas. A compreensão de que a Reforma de Córdoba foi a primeira grande inovação na Educação Superior nas Américas Espanhola e Portuguesa pode ser percebida se olharmos a Reforma com a mesma lente que Giacomazzo, Morés e Fiuza (2020, p. 591), ao afirmarem que a inovação necessita de:

[...] possibilidades criativas, autonomia, rupturas com paradigmas tradicionais, o que não é propiciado quando se tem formulários de avaliação padronizados. Portanto, não basta incluir a inovação como um objetivo a ser alcançado pelas IES. É necessário criar as efetivas condições de estabelecimento da inovação nas instituições e as efetivas formas de avaliação no cerne dos processos de regulação do ensino superior.

Além da preocupação com a avaliação apresentada pelos autores acima citados, Leite, Genro e Braga (2011) preocupam-se com o docente e suas deliberações, sua formação e o exercício da prática pedagógica do professor em sala de aula. As autoras ainda apresentam alguns desafios para a pedagogia universitária, dentre os quais se destacam a diversidade institucional e os projetos descontínuos.

Durante a caracterização do campo de estudo, destacou-se a contribuição de Tomas Tadeu da Silva e também de Ivo Goodson, que deram subsídios para olhar o currículo, outro enfoque essencial para tratar de inovação pedagógica, para além de um documento, vê-lo como um retrato situado no tempo e no contexto histórico e social em que cada instituição se projeta.

A tarefa de repensar conceitualmente a inovação pela ótica da Educação Superior exige esforço adicional, pois há predominância no senso comum sobre a compreensão da inovação aplicada ao mercado produtivo e/ou de serviços. A inovação é tema contemporâneo em todos os setores da sociedade, mas ela tem de ser problematizada com mais especificidade, reconfigurada para caber no contexto da Educação Superior e aplicada à pedagogia e ao currículo, visto que esses não são mercadorias, nem tampouco produtos acabados.

A partir desta introdução, este artigo apresenta a inovação no contexto da Educação Superior, em diálogo com o currículo e a Pedagogia Universitária, focalizando o recorte ora proposto nos aspectos que envolvem as tecnologias. Posteriormente apresenta-se o percurso metodológico do estudo, trazendo os achados da pesquisa, analisando-os à luz dos teóricos que subsidiaram o conhecimento produzido. Metodologicamente optou-se pela abordagem qualitativa no contexto da pesquisa exploratória e descritiva. Os sujeitos foram seis professores das áreas da Saúde, Ciências Sociais Aplicadas e Engenharias e Tecnologias de uma Universidade Comunitária do Brasil. Foram consultados documentos institucionais e realizadas rodas de conversa por meio da técnica grupo focal. Posterior a análise dos dados tem-se as considerações finais e as referências utilizadas.

Inovação, Currículo e Pedagogia Universitária

Muitos pesquisadores se debruçam a pesquisar sobre os desafios da Educação Superior no século XXI. Cunha (2016) faz um apanhado de alguns escritos de autores renomados que falam sobre as problemáticas e desafios da universidade, alguns levantando questões como o distanciamento entre ciências naturais e a cultura, bem como a ideia de que o professor não se encontra mais na centralidade nas universidades.

Barnett (2001, p. 20) critica a educação exercida apenas pela visão economicista, pois para o autor é necessária “[...] uma educação superior mais aberta com a sociedade e que esteja sustentada, também, por uma concepção mais aberta de ser humano”.

Ainda temos Santos (2011) que, ao longo de seus escritos, levanta várias questões sobre a educação universitária, no entanto, neste momento, vamos nos atentar a uma proposição do autor em A Universidade do Século XXI, em que ele reforça que deve haver uma reforma democrática, estimulando as Instituições de Educação Superior (IES) responderem criativamente, se colocando na vanguarda e não apenas respondendo às

necessidades e questões da sociedade. Também tem o intuito de dizer que, com o potencial criativo das universidades, elas podem encontrar meios de permanecerem democráticas no sentido de não sucumbirem aos mandos do capitalismo vigente.

Considerando o que os autores nos apresentam, podemos inferir que as respostas criativas, na perspectiva democrática, convocam as universidades a reverem suas formas de atuar, procurando e propondo novos modos de interagir e pensar a sociedade na sua totalidade e, assim, rever continuamente o ser e o fazer docente.

Trazendo ainda Cunha (2016) como referência, não se pode colocar as universidades às margens dos sintomas sociais, pois os efeitos das dinâmicas sociais notoriamente atingem progressivamente a Educação Superior. A autora elenca três condições que atingem as IES, sendo elas: a mudança paradigmática, o impacto das tecnologias digitais no ensino e na aprendizagem e, em terceiro lugar, mas não menos importante, as mudanças no mundo do trabalho. Esses sintomas atingem as IES como um todo, ou seja, têm reflexo nos currículos, na pedagogia universitária e nas ações docentes.

Até aqui, pode-se observar que a educação e o currículo se modificam quando interagem de forma propositiva com outros setores da sociedade. Em dado momento, a mudança no aspecto educacional é entendida como a democratização da educação e/ou a educação de massas; em outros períodos, como a aceitação das reivindicações dos movimentos sociais e como eles podem ajudar a tornar o currículo um retrato mais fiel da sociedade; mais contemporaneamente veio a necessidade de se repensar as carreiras, o trabalho mediado por tecnologias na cibercultura, o que permite que no processo sejam pensados, no currículo, os desafios educacionais de forma integrada, procurando não separar formação profissional e formação humana. Concomitantemente ao cenário exposto tem-se a pauta da inovação e a necessidade de compreender a inovação pedagógica no contexto das instituições de ensino superior.

Inovação no contexto da Educação Superior

O processo de ensino e aprendizagem é parte integrante de um conjunto de processos que inclui diversos outros determinantes, ao qual a autora chama de ensinagem (Morosini, 2006), processo que envolve docente e acadêmico, entre os quais deve haver forte parceria para que seja possível a construção do conhecimento escolar e acadêmico, resultado de ações efetivas em aula. O professor atua com os alunos sobre o objeto e a definição, escolha e efetivação de estratégias diferenciadas para facilitar o processo de apreensão dos

conhecimentos, ao passo que isso ocorre, o conhecimento é recriado e ressignificado pelo estudante. Neste processo, a aula é feita pelo professor em parceria com os alunos (Anastasiou; Alves, 2004).

Objetivamente as responsabilidades entre professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem podem ser definidas assim, ao professor compete a responsabilidade de auxiliar o aluno a apreender o conhecimento e/ou desenvolver valores. Para Coelho (2013, p. 29) “Ensinar é mobilizar procedimentos para que o aluno adquira competências que lhe permitam construir as suas próprias aprendizagens sejam de conhecimentos ou de valores”. Na competência do professor se inclui a escolha da melhor estratégia a ser utilizada no fazer aula (Anastasiou; Alves, 2009).

O ensino se caracteriza, portanto, como uma ação que se articula a aprendizagem. Na verdade, é impossível falar de ensino desvinculado de aprendizagem. Muitas vezes ouvimos o professor afirmar que ensinou e que ‘infelizmente alguns alunos não aprenderam’. Temos que pensar se é possível uma afirmação dessa natureza. Se pensarmos o ensino como gesto de socialização – construção e reconstrução – de conhecimento e valores, temos que afirmar que ele ganha significado apenas na articulação – dialética – com o processo de aprendizagem. (Rios, 2010, p. 53).

Assim o ensino e a aprendizagem possuem significações diferentes, mas não deixam de ser interdependentes, pois a relação de troca, respeito, ética e empatia entre professor-aluno, aluno-professor deve ser uma parceria explícita. Segundo Morosini (2006), nem professor nem aluno podem se eximir de suas responsabilidades, “[...] o aluno deve ultrapassar os limites de sua prática, recriando espaços tempo da reflexão e da cultura em relações democráticas e éticas” (Morosini, 2006, p. 447).

Ao relacionar o termo “inovação” ao contexto da Educação Superior, é comum se perceber certa resistência na academia, talvez por uma compreensão reducionista do tema, ou mesmo pela compreensão equivocada. Ou seja, aqui temos de, inicialmente, abordar a inovação no contexto da Educação Superior, considerando os campos do currículo e da pedagogia universitária, olhando para esses campos de estudo, procurando verificar como e quando ocorrem as inovações.

A educação é reconhecida como um dos muitos processos de trabalho humano, contudo o seu resultado, na maioria das vezes, é difícil de ser mensurado, tanto para quem o produz como para quem o recebe. Saviani (2011, p. 12) relaciona a categoria do “trabalho não material”, com:

[...] a produção de ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes e habilidades. Numa palavra, trata-se da produção do saber, seja do saber sobre a natureza, seja do saber sobre a cultura, isto é, o conjunto da produção humana. Obviamente a educação situa-se na categoria do trabalho não material.

Compreender a educação enquanto categoria de trabalho permite compreender melhor a inovação no contexto da educação e, mais especificamente, nas IES, onde o próprio modo de abordar e entender a inovação tem de ser repensado, pois se a educação é um ato não material, não se pode utilizar o mesmo entendimento que o setor produtivo/econômico tem a respeito da inovação aplicada aos processos administrativos, serviços, tecnologia, enfim ao setor econômico.

Relacionando o produto da educação com a ideia de Saviani (2011), entende-se que o produto e o produtor não se separam e, mais ainda, o consumo do produto se dá exatamente no mesmo instante da produção. “Ou seja, o ato de dar aula é inseparável da produção desse ato e de seu consumo. A aula é, pois, produzida e consumida ao mesmo tempo (produzida pelo professor e consumida pelo aluno)” (Saviani, 2011, p. 12). Aqui, percebe-se um dos motivos da dificuldade de compreender a inovação no fazer pedagógico ou, pode-se dizer, na relação pedagógica entre professor e aluno.

Não é raro o acadêmico de uma forma errônea entender o conteúdo que o professor expôs no quadro, e/ou com o uso do Datashow, como a materialização do produto educacional. Essa compreensão equivocada gera, por muitas vezes, a manifestação do desejo quase que inconsciente de copiar/transcrever tudo para o caderno, como se esse ato tivesse o poder de apreender o conhecimento. Seria como se, ao copiar para o caderno os conteúdos expostos pelo professor fosse possível incorporar o conhecimento. Exemplificando a atualidade da cibercultura, seria pensar que ao copiar o texto solicitado para uma inteligência artificial a aprendizagem dos conteúdos e conceitos ocorrerá espontaneamente. Isso dificulta em grande parte o processo de ensino e aprendizagem, pois como dizem Anastasiou e Alves (2015), a ação de ensinar é diretamente ligada à ação de aprender, sendo que, neste movimento, o objetivo é que o acadêmico possa se apropriar tanto do conteúdo como do próprio processo.

No pensamento de Leite, Genro e Braga (2011, p. 23) a inovação na Educação Superior, deve considerar que se produz algo invisível. “O ensino, por sua vez vai produzir um produto invisível que demanda longo prazo em sua preparação – o aluno formado, o

profissional para o mercado cujo valor completo aparecerá pelo menos após quatro longos anos de estudo, de trabalho intensivo e extensivo.”

Até aqui, aventaram-se dois pontos que podem ser nevrálgicos para a boa apreensão quando se quer unir o conceito de inovação ao contexto da Educação Superior: em primeiro lugar, a não percepção de que a educação está situada na categoria trabalho não material; e, em segundo lugar, a não percepção de como se dá o consumo do produto do trabalho educacional, o que pode induzir ao entendimento equivocado da inovação no contexto da educação, e/ou levar ao insucesso na prática e implementação da inovação na conjuntura desejada.

Anteriormente, ao aventar a possibilidade do entendimento reducionista da inovação no contexto do ensino de graduação o pensamento era de que a inovação, em certos casos, vem sendo reduzida à adição de ferramentas, tecnologias ou procedimentos no espaço e fazer pedagógico. Nesse ponto, faz-se necessário trazer as diferenciações entre *inovação sustentadora e inovação disruptiva*, conforme Demo (2010), concepções que adotamos para compreender a inovação pedagógica.

Quanto a a *inovação sustentadora*, se pode ilustrá-la como um processo de inovação que parou no meio do caminho ou que pulou uma grande etapa e começou do meio para o fim; neste caso, a inovação traz algo novo, e esse algo é incorporado ao produto já existente, substituindo uma parte do produto. Demo (2010) diz que a inovação sustentadora é bem-vinda, contudo, ela prolonga a permanência do que já é praticado ou usado. Seu objetivo não é romper com modelos já estabelecidos, mas ela objetiva sim fazer melhoramentos, aperfeiçoamentos, sustentando a permanência dos mesmos caminhos.

Na busca pela compreensão conceitual, cita-se Christensen (2002, p. xviii), que esclarece a gênese da inovação no campo das Ciências Sociais Aplicadas: “O que todas as tecnologias de sustentação têm em comum é que aprimoram o desempenho de produtos estabelecidos, ao longo de dimensões de desempenho que clientes prevalentes em mercados maiores têm valorizado historicamente”. Dessa forma, mesmo sendo no contexto econômico, traduzido para a educação por Demo (2010), esse autor contribui com a perspectiva da inovação sustentadora.

Trazendo a inovação sustentadora e a interpretando pelo fazer docente em sala de aula, poderia se inferir um exemplo prático. Para isso, se pode pensar na aula expositiva não dialógica, em que o ato pedagógico é centrado no professor, com uso de textos em sala de aula – há algum tempo, o que se usava era o quadro negro e o giz – o docente copiava

os textos no quadro e os acadêmicos passavam para os cadernos. Com o passar do tempo, o quadro negro e o giz foram substituídos pelo quadro branco e o pincel e, posteriormente, foi adicionado o retroprojetor com o uso de lâminas transparentes e, mais atualmente, o computador e o projetor foram inseridos na sala de aula, bem como a lousa digital. É notável que cada uma dessas adições de tecnologias ao espaço da sala de aula produziu mudanças, contudo, somente as tecnologias inseridas sem a reflexão sobre a ação docente não são suficientes para caracterizar inovação pedagógica, sustentando o modelo praticado ainda quando a tecnologia utilizada era o quadro negro e o giz de pedra. Sendo assim, a aula prosseguiu no mesmo passo a passo e, em sua maioria, expositivas da mesma forma, ou seja, houve inovação sustentadora do modelo.

A inovação sustentadora no ensino de graduação possibilita momentaneamente maior interação e participação dos sujeitos, há um sentimento de maior interesse dos acadêmicos por tempo determinado, com prazo de validade, mas de forma geral são superficiais, assim como as mudanças, não permanecendo, ou seja, sustentando o que já vem sendo praticado. A inovação sustentadora por si só não basta para atender e superar as atuais necessidades postas à educação nas IES e ou a incorporação das tecnologias digitais na educação. São recursos que por si só não produzem transformações na aprendizagem, dependem de como forem utilizadas.

Cada IES tem suas características, sua cultura, e está inserida em uma sociedade/território, com necessidades específicas, além de ser formada por um coletivo de professores com formações distintas, que também atuam nos mais diferentes cursos. Face a isso, entende-se que a inovação deve ser tratada localmente, estudada e compreendida no contexto em que se quer desenvolvê-la. Portanto, indica-se “[...] pensar a inovação pedagógica, antes do que apenas a inovação tecnológica, sob o filtro dos valores e da ética da educação e da formação, tarefa fundamental da universidade e dos docentes” (Leite; Genro; Braga, 2011, p. 11). Na proposta de inovar de forma disruptiva na pedagogia, Lucarelli (2003 apud Morosini, 2006) sugere a interrupção em determinadas formas de procedimentos adotados que se sedimentaram por tempos. Ainda, para a mesma autora, “[...] legitima-se, dialeticamente, com a possibilidade de relacionar essa nova prática com as já existentes por meio de mecanismos de oposição, diferenciação ou articulação” (Lucarelli, 2003 apud Morosini, 2006, p. 446).

A inovação sustentadora poderá ser um passo inicial rumo à inovação consciente conceitualmente e, assim, difundir o entendimento de inovação com os professores

vinculando-a à educação. Quando a inovação se torna consciente, ela produz efeitos nos processos educativos, tanto para professores quanto para os estudantes.

Por outro lado, a *inovação disruptiva* tem como proposta romper com modelos pré-estabelecidos e sedimentados, instiga o pensamento questionador, não lida bem com a pessoa investida de autoridade, mas se alegra da autoridade que o conhecimento passa a assumir. Nesta categoria de inovação, a mudança é radical, sendo necessário o uso de habilidades de desconstruir/reconstruir. Observemos que “[...] tecnologias disruptivas – que rompem com dinâmicas vigentes e acenam para alternativas radicais – induzem mudanças aparentemente dúbias no curto prazo, ou seja, desempenho deficitário em relação a produtos estabelecidos[...]” (Demo, 2010, p. 863).

Para Cunha (2006), a ruptura nas inovações educacionais leva em seu bojo uma forte perspectiva epistemológica, pois é preciso conhecer que a ruptura é mais que rearranjos de métodos, há realmente uma quebra no status quo. Reconstruindo o exposto para o entendimento no espaço educacional, uma das formas de interpretar poderia ser a seguinte: ao trocar o método de aprendizagem por via da memorização do conhecimento morto, sendo que “[...] o conhecimento morto é um cadáver de informação porque está congelado em um livro ou texto [...]” (Leite; Genro; Braga, 2011, p. 12), passando o docente a induzir intencionalmente a autoria dos estudantes, dessa forma, a dinâmica do ato pedagógico traz para a sala de aula o conhecimento vivo.

[...] aquele que se estabelece em sala de aula, a partir do que está dado pela pesquisa e consubstanciado no livro, mas vivo e desafiador porque se transforma frente aos alunos ao resgatar o lado humano da relação educativa juntamente com o lado cognitivo da relação tradicional entre professor e aluno. (Leite; Genro; Braga, 2011, p. 12).

Esse movimento é de ruptura e de desconstrução e reconstrução, contudo, provavelmente no curto prazo ficará explícito o desempenho deficitário do acadêmico, trazendo a percepção apressada de que o método praticado anteriormente era mais facilmente desenvolvido na percepção do educando, pois fazer os caminhos já memorizados é mais cômodo. “A noção de que aluno aprende escutando aula tornou-se petrificada, não admitindo sequer discussão preliminar” (Demo, 2010, p. 867-868), é algo que a inovação disruptiva procura superar. A inovação disruptiva exige do professor e dos alunos maiores esforços, que ambos se desacomodem e que não se satisfaçam com a memorização de conteúdo, não se dando por satisfeitos em assimilar informações e dados,

mas se apropriando deles, interpretando-os a partir de conhecimentos prévios, ou seja, saindo do assimilar/assimilando.

A inovação, a pedagogia universitária e todos os outros processos educativos envolvem pessoas, envolvem relações entre alguém que educa e alguém que apreende o conhecimento, as estratégias e entre elas os artefatos da cibercultura, suas dimensões interativas e operacionais. Fernandes e Grillo (2006 apud Santos 1987, p. 451) dizem que a relação professor-aluno é:

[...] relação humana e pedagógica mediada pelo trabalho com o conhecimento em seus meios de produção, disseminação e ressignificação. Essa relação, quando rompe com as visões antropológicas e metodológicas marcadas pela precisão da racionalidade técnica da modernidade, possibilita outras relações construídas na perspectiva do paradigma emergente.

Nesta relação, o protagonismo é compartilhado, há maior abertura e interação, assim favorecendo práticas mais democráticas e acolhimento das diferenças.

Observando a narrativa que foi se desenvolvendo ao longo da escrita apoiada no diálogo desenvolvido com os autores no contexto universitário com foco na inovação, discutindo-a a partir da pedagogia universitária e do currículo, poderíamos, entre outras coisas, inferir que a inovação, neste contexto, e em especial na pedagogia universitária, se dá no âmbito das relações humanas, ou seja, é imperativo “[...]inovar-se para inovar” (Demo, 2010, p. 867).

Análises sobre as Ações Docentes, Tecnologias e Inovação Pedagógica

Apresentam-se a priori os procedimentos metodológicos que conduziram a pesquisa. Os sujeitos da pesquisa participantes do grupo focal foram seis professores voluntários das seguintes áreas: Ciências Sociais Aplicadas (CSA), Ciências da Saúde (SAU) e da Ciências da Engenharia e Tecnologia (CET). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participar foi enviado para primeira leitura por parte dos professores, foi solicitada nova confirmação de participação em caráter de voluntariado. Os próprios professores chegaram ao consenso e definiram as datas e horários da Roda de Conversa. Ao pesquisador e moderador ficou incumbida a responsabilidade de fazer o agendamento, enviar as informações aos professores participantes.

As mediações dos dois grupos focais foram conduzidas pelo pesquisador/moderador. Cada grupo focal teve a participação de 3 Professores em sessões realizadas em formato online, utilizando a ferramenta Meet do Google nos dias 30 de outubro e 15 de novembro de 2021. As interações entre os participantes do grupo focal e desses com o moderador/pesquisador foram registradas em forma de gravação de áudio e vídeo pela própria ferramenta e por anotações. O encontro teve a duração de duas horas.

Como anunciado na introdução do artigo, serão aqui apresentadas e discutidas as ações docentes que se referem as relações entre **inovação pedagógica e tecnologias** resultado de um recorte da totalidade do estudo que foi organizado com as seguintes categorias de análise: Experiência e Inovação; Experiência e Planejamento; e Inovação e Certezas da Docência. Não há interesse em identificar professores por nome, ordem e ou codinome, pois não há relevância nesse aspecto, portanto serão apresentadas as falas que mais contribuem em exemplificar as análises do recorte aqui exposto.

Em relação as dificuldades no exercício da docência, sentimentos, medos e motivações, enfim, gatilhos ou empecilhos que os docentes possam enumerar quanto ao processo de inovação pedagógica ou curricular, houveram dúvidas quanto aos motivos que podem disparar o processo de inovação. Segue a fala do Professor 1 exemplificando esse sentimento “[...] *primeiro que eu acho que tem que ir no óbvio, é importante também não cair em armadilhas, eu acho que às vezes a inovação vem como mero enxugamento*”. O óbvio a que o professor se refere é que a inovação é necessária, pois logo afirma que muitos setores e aspectos da sociedade estão em transformação e enumera alguns que merecem destaque, como “*as profissões*” e “*a maneira de se relacionar com as pessoas*”.

A inovação na universidade não deve ser apenas para atender as demandas dos setores da sociedade. Para Santos (2011), a universidade tem de voltar a se colocar na vanguarda, conduzindo discussões em diferentes áreas e níveis, propondo e, muitas vezes, conduzindo ações envolvendo governos, iniciativa privada, comunidade civil organizada e a quem mais interesse participar. A inovação proporciona diversas oportunidades às IES, inclusive de ela se inserir mais ainda na sociedade como um todo, tornando-se mais conhecida e aberta com e para a coletividade. Isso pode contribuir para que a sociedade perceba a importância das IES e a necessidade do fortalecimento do sistema educacional superior.

Uma das falas diz que a aula não necessariamente tem que ser um “*show pirotécnico*” para ela se tornar interessante aos alunos. E continuou abordando como se vê

no processo de inovação, trazendo a percepção que tem sobre tecnologias em sala de aula e como se percebe no que diz respeito à relação professor-aluno:

[...] tem sido também um aprendizado, a gente não aprende a dar aulas inovadoras do dia para a noite, eu acho que a gente também vai se colocando na parede, então em algum momento a gente se propõe, é um processo, mas sempre tendo como objetivo a meu ver uma formação de excelência, que se dá pelo diálogo, pelas trocas, pelos temas que o aluno traz, por suas experiências e por aí vai. E usando a tecnologia, eu acho importante isso, usar a tecnologia. (Professor 2)

O professor percebe que a inovação depende muito mais de como a relação professor-aluno se dá do que dos recursos empregados, deixando claro que o mais importante é como as ferramentas e técnicas podem ser usadas para proporcionar reflexão e potencializar a apropriação dos alunos, sendo que eles devem ser indivíduos ativos no fazer pedagógico em sala de aula. Compreende-se que ele mesmo se vislumbra em processo de mudança no que tange o modo como percebe os acadêmicos. Essa mudança podemos perceber efetivamente na forma como o professor descreve que têm sido as suas interações/relação com os acadêmicos, percebendo as individualidades e problemáticas. Note-se que, no último trecho, o professor deixa claro que a formação de excelência é seu objetivo, e que a excelência é atingida nas aulas dele, por meio do diálogo, valorização das experiências dos acadêmicos e trocas que podem ser entre alunos-professor, aluno-aluno, professor-aluno, assim permitindo que a aprendizagem seja o foco, e não mais apenas vencer o conteúdo programático.

Outro professor traz uma visão de inovação diferente, para ele, a inovação das disciplinas que ele ministra, pelo fato de ser da área das Ciências Exatas, está ligada ao incremento de tecnologia.: *“para mim a Inovação dentro do ensino [...] especificamente é tecnológica [...], então eu vejo duas áreas diferentes, uma é a tecnologia que o professor utiliza para sua aula, outra a tecnologia que o professor trabalha com seus alunos”*.(Professor 3) Conforme Demo (2010), inicialmente, verificamos a inovação sustentadora. Vamos observar que a primeira experiência com a inovação que o professor relata que teve em 2014, como esperado, ficou no campo da sustentação do que já era praticado. Ainda corrobora relatando: *“comprei uma mesa digitalizadora, aprendi a utilizar ela para lecionar em sala de aula. [...] quando eu vi um designer fazer isso, eu disse: ‘meu Deus, eu quero isso para mim!’*. *Eu comecei a utilizar na sala de aula e resultados bons apareceram de imediato [...]*” (Professor 3). Até o momento o que notamos é a praticidade,

o conforto para o professor e o ganho de tempo/agilidade para o docente e os discentes, pois não necessitaram mais copiar os exemplos feitos pelo professor. Ainda, segundo o Professor 3:

[...] mesmo para uma aula puramente demonstrativa onde eu utilizava para resolver os exercícios em sala de aula, [...] isso deu um resultado muito bom porque os alunos tinham um exercício resolvido pronto para eles via plataforma, [...] e me deu a impressão de melhor desempenho dos alunos, [...] eles sabem que eles vão ter acesso aquele documento afinal, eles não perdem tempo copiando [...] e prestam atenção na explicação, porque ela é muito mais importante, então eu falo: tome nota do que vocês acham interessante, façam perguntas” então isso já foi uma grande modificação. Então para mim a inovação é a introdução de tecnologia na sala de aula.

A aula continuou centrada no professor, ele ainda é o protagonista do ato pedagógico, houve a mudança no meio de comunicação das mensagens enviadas ao alunado, a adição da tecnologia permitiu também aos acadêmicos consultarem novamente o material, tendo acesso à mesma mensagem repetidas vezes, proporcionando maiores chances de memorização, ou seja, a adição da tecnologia não levou à apropriação do processo, do conteúdo, e não modificou o processo de correlações que o aluno deve fazer entre o conhecimento prévio que já tem com o conhecimento acadêmico.

Se hoje a tecnologia estiver disponível tanto para o docente quando para os discentes, e o “tempo ganho” for aproveitado para desenvolver outra relação com a tecnologia que permita também ao professor e ao aluno modificarem os objetivos e o produto das suas interações, quais são as mudanças? O Professor 4 afirma:

Hoje em dia eu já tenho as duas coisas, a tecnologia na minha mão, e a tecnologia na mão do aluno trabalhando juntas, da mesma forma que eu continuo utilizando a mesa digitalizadora para dar as minhas aulas [...] e eu propondo cada vez mais que eles utilizem ferramentas tecnológicas, como eu falei, ideias para desenhar gráfico, o pessoal fica desenhando o gráfico na mão, é uma porcaria, horrível, é difícil de você fazer, você erra os pontos e fica confuso, uma ferramenta você digita a equação e ele vai te dar o gráfico.

Aparentemente, o professor imputa à tecnologia o sucesso que os alunos obtiveram no aprendizado, mas o indício que se percebe é que, inicialmente, a inovação sustentadora permitiu ao professor mais tempo para observar e perceber as necessidades dos acadêmicos, para então reformular o seu fazer pedagógico, trazendo para a sala de aula ferramentas que

estivessem disponíveis aos acadêmicos, fazendo com que o uso desse ferramental tivesse sentido para os alunos, tanto na vida profissional quanto no cotidiano pessoal, permitindo também desenvolver outra perspectiva na interação professor-aluno, aluno-professor e talvez aluno-aluno. Podemos observar isso no trecho em que o Professor 5 explana sobre a forma como usa a tecnologia como meio de interação e cocriação em sala de aula:

Então, é isso que eu peço: entrego o passo a passo, mostro como se utiliza a ferramenta e cobro deles a utilização, solicito a análise e entrega de um exercício, usando uma linguagem de programação científica que é extremamente importante, Microsoft Excel para fazer previsões, para fazer cálculos rápidos, dados tabulados. Então hoje em dia eu consigo ver essa inovação, e para mim cada vez mais para a tecnologia, porque essa gurizada de 19, 20 anos hoje tem proporcionalmente, mais tempo de tecnologia do que nós temos ao longo da nossa vida inteira [...]

O uso da tecnologia faz parte da estratégia desse professor que elabora e se prepara para desenvolver junto com os estudantes. Ao desenvolver suas aulas desta forma, o docente corrobora em sua prática pedagógica com Anastasiou e Alves (2009), pois para o desenvolvimento de sua aula, o professor estudou os hábitos da faixa etária dos alunos, selecionou as ferramentas acessíveis aos acadêmicos, ou seja, tem planejado as estratégias, e conclui a sua participação fazendo o link entre inovação e tecnologia, dizendo:

[...] Inovação é introduzir cada vez mais tecnologia tanto para o professor utilizar na sua explicação, sua metodologia de sala de aula, quanto para o aluno, mostrando a ele ferramentas que podem ser úteis para o aprendizado daquilo que o professor passa, e como utilizar essas ferramentas para fazer modelagem, construção de cenários e fazer entregas cada vez melhores. Então no meu ponto de vista, inovação está ligada diretamente com tecnologia (Professor 5).

No fechamento da fala, depreende-se que pode até não ser do conhecimento do professor que seja inovação sustentadora e disruptiva, mas ele transitou da sustentação para a disruptiva em seu fazer pedagógico. Note que na explicação o docente deixa claro que a forma, a intenção e os objetivos do uso da tecnologia mudaram. Agora, tecnologia é meio de comunicação, permite a mudança de forma de raciocínio, mudança no modelo mental de como resolver problemas, de como se antecipar aos problemas, aproximando, também, o professor da forma de linguagem e dos hábitos dos acadêmicos, principalmente das gerações mais novas.

O Professor 6 ponderou sobre a questão que para ele é mais dificultosa: manter a atenção dos alunos durante todo o curso da aula. Em sua primeira frase, ele sustenta sua contribuição citando o filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto ao se referir ao conceito de tecnologia:

Eu vou completar um pouquinho também, a tecnologia, se a gente olhar lá nos conceitos de Vieira Pinto, é um conjunto de técnicas. Então eu acredito sim na tecnologia, no software, eu utilizo muito [...] no sentido de envolver o aluno em sala de aula [...] Gosto muito de trabalhar com estudo de caso da Kodak, empresa centenária que quebrou, [...] eles começam a olhar e dizer assim: “meu Deus, como eles foram burros, não viram o que era óbvio!. E aí, a gente começa a ver o mundo paralelo, o cenário paralelo, e eu começo: ‘gente, pesquisa aí quando surgiu a internet! Pesquisa aí quando surgiu o computador!’ E eles durante a aula no celular estão ali pesquisando: ‘professora, foi tal ano!’. Prefiro, fazer a interação deles com o uso de tecnologia, mas eu também acho que é o conjunto de técnicas. Então não é só a tecnologia, é uma simulação de análise de custo, [...] outros métodos e técnicas que eles vão utilizar futuramente.

É possível verificar algumas questões que o professor toma para si como importantes para o planejamento e desenvolvimento de suas aulas, como compreender a tecnologia para fazer uso dela junto dos estudantes, procurando dinamizar as suas aulas e torná-las interessantes do ponto de vista dos mesmos. Para isso, ele se utiliza da tecnologia para instigar a participação, também mesclando as aulas com estudos de caso para, assim, viabilizar que os estudantes se percebam como sujeitos que já possuem algum conhecimento sobre o assunto, proporcionando oportunidades de troca de experiências (conhecimento morto proporcionando o surgimento do conhecimento vivo/social). O conjunto dessas ações e interações entre professor-aluno, aluno-aluno e aluno-professor pode gerar situações de aprendizagem em que os alunos sejam os protagonistas.

O Professor 6 continuou sua fala trazendo o que considera um desafio para inovar no contexto da Educação Superior. A seguir, veremos que pelo modo como o docente expõe a sua opinião, ele nos leva a entender que questões sociais atuais estão modelando o perfil dos acadêmicos que adentram a Educação Superior:

O que na minha opinião está como desafio é manter a atenção do aluno, é a gente entender a realidade do aluno, e aí claro, vai provavelmente o meu cenário ser muito diferente do professor, porque ele leciona de manhã, é um público diferente. O meu público por exemplo da noite é o público que trabalha o dia todo e estuda à noite. [...] então o meu desafio

da inovação vai além do aceite da tecnologia, ou de dominar a tecnologia, o meu desafio eu vejo que é a questão de manter a atenção dos alunos [...]

O Professor 6 adentrou também a questão da avaliação; no depoimento do docente, verifica-se que o redirecionamento da centralidade da aula do professor para o aluno resultará também em repensar o modo de avaliar o conhecimento de que os acadêmicos conseguiram se apropriar. Vejamos o relato um episódio ocorrido com acadêmico em momento de avaliação:

Já aconteceu de eu estar aplicando uma prova e o aluno dizer: '[...] eu estava em auditoria o dia todo, eu não consigo mexer o meu pescoço por causa de tensão'. Então, como eu vou falar para o meu aluno fazer a prova, que vou avaliar o conhecimento dele depois de um dia desses? Eu disse para a minha aluna: você tem que fazer a prova, mas eu não quero que você se apegue na nota que você tirar, porque eu sei que ela não refletirá o seu conhecimento, depois a gente vê o que faz [...].

Ele prosseguiu, concordando que a tecnologia não é fim, mas pode ser meio/ferramenta utilizada por docentes e discentes, entretanto, o mais importante é o professor desenvolver a capacidade de tornar o assunto (conteúdo) interessante do ponto de vista do acadêmico. Essa capacidade de inovar está vinculada à habilidade/capacidade de o professor perceber o estudante em diversos aspectos (capacidade cognitiva, nível de conhecimento, estado emocional, disposição física), inclusive o contexto social e avaliar como pode impactar no seu desempenho no desenvolvimento da aula ou no momento da avaliação.

[...] a inovação, ela vai ter que complementar no sentido de puxar atenção do aluno, fazer com que eles mergulham nessa discussão, que eles criem interesse, e aí vem o posicionamento que o xxxxx falou, que eu acho que foi muito pertinente, o que é a questão de que as vezes não é a tecnologia, às vezes é o assunto, então você realmente vai usar uma tecnologia para atrair a visão deles, para facilitar, [...] além disso, é como prender a atenção do aluno de acordo com o perfil dele? É aquela coisa a gente não é psicólogo, mas temos que conseguir ler melhor nossos alunos [...] (Professor 6)

Anteriormente, ele também mencionou que adaptar as aulas e conteúdos ao perfil dos alunos era algo desafiador. O professor se refere à pandemia de Covid-19 como um complicador, pois para ele a transposição da interação síncrona e presencial para as aulas mediadas por tecnologias (AMT), síncrona ou assíncrona, dificultou as interações

professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno, o que, por consequência, inviabilizou o professor de captar os sinais que os acadêmicos voluntária ou involuntariamente enviavam ao docente, sinais esses que, permitia que os “alunos fossem lidos”. Isso pode ser verificado no trecho a seguir de quando ele se refere as, que ocorreram pela ferramenta Google Meet.

[...] na pandemia foi a minha maior dificuldade, o meu maior banho de água fria, [...] quando está a bolinha só ali na câmera, eu não estou conseguindo ver a cara de vocês, eu pergunto se vocês entenderam e vocês estão jantando, e vocês não ouviram a explicação [...]. Então eu acho que é muito mais essa questão da atenção da discussão, de relaxar em certos momentos de um dia tenso, de rir, brincar, socialização. (Professor 6)

Ele termina a sua interação reafirmando que, para ele, a inovação no Ensino Superior se concretiza pela forma como a relação professor-aluno, aluno-professor se efetiva, mas deixa claro que a gestão das situações de aprendizagem e manifestações de estado emocional e outros é de responsabilidade do professor, ou seja, como já falado, o professor tem de ser um estrategista antes e durante o ato pedagógico de sala de aula.

Às vezes eu acho que a inovação vai estar nisso: tirar o aluno da zona de conforto, de ficar sentadinho, só ouvindo e recebendo, fazendo sua aula fluir melhor, realmente aprender [...]. Eles não conseguem ficar duas horas prestando atenção. Então eu acho que a inovação também está na forma do relacionamento professor/aluno, atenção, disponibilidade e tudo mais. (Professor 6)

Na análise das falas é possível inferir que esses professores já passaram por experiências desafiadoras, pois eles demonstraram ter passado por momentos de certezas e dúvidas em suas vidas pessoais e profissionais, as quais apontaram para o desenvolvimento como professores e como sujeitos integrantes de uma sociedade que se encontra em constante mudança.

Esses indivíduos entendem que o desenvolvimento pessoal não se dissocia do desenvolvimento profissional, sendo a recíproca também uma afirmativa verdadeira. “Sua possibilidade real está vinculada ao fato dos docentes poderem sentir-se seguros como pessoas e como grupo, na medida em que encontram no centro do labirinto o eu verdadeiro (Abraham, 1986; Isaia, 2001 apud Morosini, 2006, p. 372). Ao passo que os docentes/indivíduos trilham pelos caminhos do labirinto, vão se legitimando enquanto

docentes e se abrindo de forma consciente à inovação, às tecnologias e todos os artefatos da cibercultura.

Conclusão

A inovação é tema contemporâneo em todos os setores da sociedade, mas ela tem de ser problematizada com mais especificidade, reconfigurada no contexto da Educação Superior e aplicada à pedagogia e ao currículo, visto que esses não são mercadorias, nem tampouco produtos acabados. A inovação na égide universitária deve ser compreendida ainda localmente, levando em conta a cultura local, a temporalidade e as questões da sociedade contemporânea.

Em relação as ações os professores consideram a participação em grupos de estudo sobre inovação e tecnologia como algo que contribuiu para a profissionalização docente, bem como intercâmbio de saberes e práticas por meio da aproximação com outros docentes de cursos distintos e de áreas diferentes. O exercício da autocrítica, possibilitada pelo diálogo, assim como o grupo focal, viabiliza oportunidades de repensar o modo de fazer a docência e perceber que o estado de inacabamento é permanente. Verificou-se a necessidade de compreensão dos conceitos de inovação sustentadora e inovação disruptiva, eles sabem que existem vertentes diferentes de inovação e que a forma como o processo é conduzido contribui para resultados mais ou menos eficazes e mais ou menos duradouros, especialmente quanto ao uso de tecnologias digitais. Os docentes também concordam que pensar as estratégias pedagógicas orientadas pela perspectiva dos acadêmicos em relação as tecnologias digitais, valorizando os conhecimentos prévios dos alunos, são opções efetivas e afetivas que podem contribuir para a motivação intrínseca dos estudantes que desencadeia uma série de oportunidade e situações de aprendizagem. Isso levou a conclusão de que, se a forma de ensinar foi modificada, a forma de avaliação não pode permanecer da mesma forma, o que pode abrir caminhos para a reconfiguração do tempo-espço de aprendizagem. Os professores demonstraram que produziram inovações pedagógicas com a implementação de tecnologias digitais e que estas modificaram o currículo. Os docentes afirmaram que desenvolvem continuamente processos pedagógicos inovadores que iniciaram de forma isolada, mas com a insistência e perseverança individual, foram sendo percebidos por outros professores e se expandindo para outras disciplinas,

Ao final se avalia a importância das IES registrarem os processos inovadores com tecnologias digitais desenvolvidos espontaneamente pelos docentes, caso contrário se perdem oportunidades de integrar mais efetivamente um número maior de professores ao processo de inovação pedagógica e curricular.

Referências

- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (org.). *Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. 10. ed. Joinville: Univille, 2015.
- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (org.). *Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. Joinville: Univille, 2004.
- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (org.). *Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. 5. ed. Joinville: Univille, 2009. p. 67-100.
- BARNETT, Ronald. *Los limites de la competencia: el conocimiento, la educación y la sociedad*. Barcelona: Gedisa, 2001.
- CHRISTENSEN, Clayton M. *The innovator's dilemma*. Harvard: Harper Collins Publishers, 2002. (Collins Business Essentials).
- COELHO, Livia Dias. *Procedimentos de ensino: um movimento entre a teoria e a prática pedagógica*. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2013. 177 p.
- CUNHA, Maria Isabel. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 258-371, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3K5tmaQ>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- CUNHA, Maria Isabel. Inovações na educação superior: impactos na prática pedagógica e nos saberes da docência. *Em Aberto*, Brasília, v. 29, n. 97, p. 87-101, set./dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3PGCYic>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- DEMO, Pedro. Rupturas urgentes em educação. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, p. 861-872, out./dez. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3PMxClN>. Acesso em: 2 jul. 2021.
- GIACOMAZZO, Graziela; MORÉS, Andréia; FIUZA, Patricia Jantsch. Inovação e avaliação no cenário da expansão do ensino superior no Brasil. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE RECERCA EN EDUCACIÓ, 1., 2019, Barcelona. *Anais [...]*. LINDÍN, Carles *et al.* (ed.). Albacete: LiberLibro, 2020. p. 583-592. Disponível em: <https://bit.ly/3AK2WGT>. Acesso em: 16 ago. 2021.

LEITE, Denise; GENRO, Maria Elly Herz; BRAGA, Ana Maria de Souza (org.). *Inovação e pedagogia universitária*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 256 p.

MOROSINI, Marília Costa (ed.). *Enciclopédia de pedagogia universitária: glossário*. Porto Alegre: INEP/RIES, 2006. v. 2.

RIOS, Teresinha Azerêdo. *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

Recebido em: 21 de abril de 2023

Aceite em: 30 de junho de 2023